



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA**

**HISTÓRIA E ECOFEMINISMOS: A TRAJETÓRIA DE MOEMA VIEZZER NA  
AMÉRICA LATINA**

**YARÚ MILLS SIQUEIRA**

Foz do Iguaçu  
2022

**HISTÓRIA E ECOFEMINISMOS: A TRAJETÓRIA DE MOEMA VIEZZER NA AMÉRICA  
LATINA**

**YARÚ MILLS SIQUEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História - América Latina.

Orientadora: Profa. Cleusa Gomes da Silva

Foz do Iguaçu  
2022

YARÚ MILLS SIQUEIRA

## **HISTÓRIA E ECOFEMINISMOS: A TRAJETÓRIA DE MOEMA VIEZZER NA AMÉRICA LATINA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História - América Latina.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Profa. Dra. Cleusa Gomes da Silva  
ILAACH

---

Prof. Dra. Suellen Mayara Peres de Oliveira  
ILAESP

---

Prof. Dr. Gerson Galo Ledezma Meneses  
ILAACH

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Yarú Mills Siqueira

Curso: História América Latina

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	<input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome do orientador(a): \_\_\_\_\_

Data da Defesa: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todas as pessoas que resistem por amor ao conhecimento e por esperar,  
enquanto verbo.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a natureza, ao fogo, ao ar, a terra e a água, a todas as formas de vida que compõem o planeta Terra que é também um organismo vivo. Agradeço aqueles/as/us que vieram antes de mim, que semearam sementes que faço o voto de cultivar para assim espalhar novas.

Agradeço às minhas avós, Diva e Rosa, por me ensinar o poder das plantas, à minha mãe Elisa e meu pai Dirceu por sempre valorizarem o contato com a natureza e a meus irmãos Inajara e Matheus pela companhia nessas descobertas, às minhas professoras do ensino básico que me ensinaram a importância da nossa responsabilidade ambiental e a tantas outras pessoas que tive e ainda terei a oportunidade de cruzar em meu caminho que me ensinam e aprendem comigo a fim de construirmos relações harmônicas. Agradeço a todas as formas de arte e à filosofia, que nos permitem a sensibilidade de ser humano. Agradeço à educação participativa e inclusiva.

Agradeço a oportunidade de estudar em uma Universidade pública, gratuita e de qualidade, que me proporcionou ao longo desses 5 anos, além de uma excelente formação acadêmica a abertura de um mundo de possibilidades através do conhecimento e da integração latino americana. Agradeço a oportunidade de encontrar tantas pessoas das mais diversas origens que compartilham a paixão pelo conhecimento e buscam a construção de um mundo mais justo. Agradeço também a oportunidade de ao longo desses anos de graduação, boa parte dele, receber auxílios estudantis da PRAE, que embora insuficientes perante nossa realidade material, me proporcionaram o mínimo de segurança financeira para dedicar me aos estudos, da mesma maneira que agradeço aos programas de bolsa em projetos de extensão universitária da PROEX que também auxiliaram na sobrevivência nesse período.

Agradeço aos Movimentos Estudantis Autônomos e Organizados, aos Movimentos Feministas, pela Educação Popular, da Luta pela Terra, os Movimentos Indígenas e em prol da Reforma Agrária, bem como aos movimentos camponeses e agroecológicos e aos movimentos LGBTQIAPN+ por resistirem e batalharem, dia após dia, para a construção e possibilidade de sonharmos com outro mundo possível.

Agradeço imensamente às amigas que me proporcionam uma rede de afeto fértil e calorosa. Meus amigos, amigas e amigos foram, sem dúvidas, minha fonte de inspiração e cuidado, sejam aqueles que estão distantes, em outros estados brasileiros ou mesmo em países e continentes, sejam aqueles que seguem mais próximos, agradeço a cumplicidade, às trocas, aos memes e as risadas.

Agradeço a meus companheiros/as/es de graduação, que me proporcionaram uma rede de conhecimento em sala de aula muito enriquecedora, bem como a companhia nas pausas para café, tabaco e bate-papo. Agradeço ao corpo docente do curso de História América Latina, por proporcionar a possibilidade de aprendermos tanto sobre o território que habitamos, bem como perspectivas pouco abordadas na academia tradicional, como a Decolonialidade.

Agradeço ao setor de psicologia da PRAE, por me acolherem quando me encontrava em luto após a perda de pessoas queridas e a psicanalista Jéssica que me acompanha a um pouco mais de um ano e que tem me ajudado nessa árdua tarefa que é ter saúde mental, esse trabalho seria impossível sem vocês.

Agradeço a minha banca, à Suellen e Gerson, pelas dicas, trocas valiosas e amizade e a minha orientadora Cleusa pelas referências e espaços de acolhimento e conversas necessários nesses anos.

E agradeço a existência de Moema Viezzer, que com sua história inspiradora tornou possível essa pesquisa, bem como me reavivou o espírito de luta em prol de um mundo sustentável para todes.

*“A dominação e a opressão são formas de violência que impedem o florescimento de qualquer indivíduo sobre seu efeito.”*

(DIAS, SOARES, GONÇALVES. 2019.)

*“O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é um privilégio exclusivo do historiador...”*  
Walter Benjamin

SIQUEIRA, Yarú Mills. **História e Ecofeminismos: A Trajetória de Moema Viezzer na América Latina.** 2022. pp 49 . Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História - América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo reconhecer através da História de vida de Moema Viezzer, como a mesma construiu um tipo específico de Ecofeminismo Latino americano, esse que não se constitui de uma organização apenas filosófica e teórica, mas principalmente prática e empírica, sendo resultado de mais de 50 anos de trabalho como ativista e educadora popular no Brasil e América Latina, sendo também uma figura com participação e reconhecimento em movimentos de alcance Global. As grandes áreas de interesse e atuação de Moema são: a Educação Popular, o Feminismo e o Ambientalismo, sendo em sua visão atualmente indissociáveis. Para compreendermos o Ecofeminismo de Moema foi realizada a leitura e análise de sua biografia “Moema Viezzer: Vocação de Semente: A história de uma facilitadora da inteligência coletiva” (2017) com depoimentos a Tereza Moreira e também se utilizou a experiência como extensionista no projeto de extensão “Ações de conservação e democratização do acervo Moema Viezzer”, da Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA ao longo de 2021 e início de 2022. Afim de compreender melhor o Ecofeminismo, bem como suas aproximações com vertentes latino americanas e decoloniais, utilizou-se como base o livro “Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais” (2019), com a organização de Daniela Rosendo, Fabio A. G. Oliveira, Priscila Carvalho e Tânia A. Kuhnen. O resultado dessa pesquisa foi o reconhecimento de Moema Viezzer como Educadora Ecofeminista, Popular e Decolonial, sendo uma figura muito importante para a História dos movimentos sociais e populares principalmente nas áreas de Educação Popular, Feminismo e Ambientalismo do século XX e da contemporaneidade, uma vez que a mesmo segue atuante.

**Palavras-chave:** História América Latina; Educação Popular; Ecofeminismo; Biografia; Moema Viezzer.

## RESUMEN

La presente investigación tuvo como objetivo, reconocer a través de la historia de vida de Moema Viezzer, cómo ella construyó un tipo específico de ecofeminismo latinoamericano, que no es solo una organización filosófica y teórica, sino principalmente práctica y empírica, siendo el resultado de más de 50 años de trabajo. Como activista y educadora popular en Brasil y América Latina, es también una figura con participación y reconocimiento en movimientos de alcance global. Las principales áreas de interés y acción de Moema son: Educación Popular, Feminismo y Ambientalismo, que, a su parecer, son actualmente inseparables. Para comprender el Ecofeminismo de Moema, se realizó la lectura y el análisis de su biografía "Moema Viezzer: Vocaçõ de Semente: A história de uma facilitadora da inteligência coletiva" (2017) con declaraciones a Tereza Moreira y la experiencia como extensionista en el programa de extensión del proyecto "Ações de conservação e democratização do acervo Moema Viezzer", de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana - UNILA, a lo largo de 2021 y principios de 2022. Con el fin de comprender mejor el Ecofeminismo, así como sus aproximaciones con aspectos latinoamericanos y decoloniales, se utilizó como base el libro "Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais" (2019), con la organización de Daniela Rosendo, Fabio AG Oliveira, Priscila Carvalho y Tânia A. Kuhnen. El resultado de esta investigación fue el reconocimiento de Moema Viezzer como Educadora Ecofeminista, Popular y Decolonial, siendo una figura muy importante para la Historia de los movimientos sociales y populares, principalmente en las áreas de Educación Popular, Feminismo y Ambientalismo del siglo XX y la contemporaneidad, puesto que continúa activa.

**Palabras clave:** Historia de América Latina; Educación Popular; ecofeminismo; Biografía; Moema Viezzer.

## ABSTRACT

The present research aimed to recognize, through Moema Viezzer's life history, how she built a specific type of Latin American Ecofeminism, which is not just a philosophical and theoretical organization, but mainly practical and empirical, being the result of more than 50 years of work as an activist and popular educator in Brazil and Latin America, being also a figure with participation and recognition in movements of global reach. Moema's major areas of interest and action are: Popular Education, Feminism and Environmentalism, which, in her view, are currently inseparable. In order to understand Moema's Ecofeminism, the reading and analysis of her biography "Moema Viezzer: Vocação de Semente: A história de uma facilitadora da inteligência coletiva" (2017) was carried out with statements to Tereza Moreira and the experience as an extension worker was also used in the project. extension program "Actions for the conservation and democratization of the Moema Viezzer collection" (Ações de conserva o e democratiza o do acervo Moema Viezzer), from the Federal University of Latin American Integration - UNILA throughout 2021 and early 2022. In order to better understand Ecofeminism, as well as its approximations with Latin American and decolonial aspects, the book "Ecofeminisms: theoretical foundations and intersectional praxis" (Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais) (2019) was used as a basis, with the organization of Daniela Rosendo, Fabio AG Oliveira, Pr scila Carvalho and T nia A. Kuhnen. The result of this research was the recognition of Moema Viezzer as an Ecofeminist, Popular and Decolonial Educator, being a very important figure for the History of social and popular movements mainly in the areas of Popular Education, Feminism and Environmentalism of the 20th century and contemporaneity, since that it is still active.

**Keywords:** Latin American History; Popular Education; Ecofeminism; Biography; Moema Viezzer.

## **LISTA DE SIGLAS**

UNILA - Universidade Federal da Integração Latino Americana

PROEX - Pró reitoria de extensão universitária

ILAESP - Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política

COMSOL - Instituto de Comunicação Solidária

ONU - Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 DESENVOLVIMENTO A TRAJETÓRIA DE MOEMA VIEZZER</b> .....	15
2.1.1 Parte 1 Aprendendo Com O Mundo.....	16
2.1.2 Parte 2 Aprendendo A Sonhar Com A Mudança Do Mundo.....	17
2.1.2.1 “Se Me Deixam Falar...” Uma Experiência Sobre História Oral.....	18
2.1.2.2 Educação Popular.....	19
2.1.3 Parte 3 Aprendendo A Espalhar As Sementes Da Mudança.....	21
2.1.3.1 Ética Do Cuidado .....	23
2.1.3.2 Tratado De Educação Ambiental .....	25
2.1.3.3 Vinda Para O Oeste Do Paraná .....	28
2.1.3.4 Imaginando Futuros Possíveis .....	30
<b>3. ECOFEMINISMO(S): O “TEMA GERADOR”</b> .....	<b>33</b>
3.1 Ética do Cuidado .....	35
3.2 Feminismo(s) decolonial .....	36
3.3 Aproximações da decolonialidade com o ecofeminismo .....	36
3.4 Ações de conservação e democratização do acervo Moema Viezzer.....	38
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O ECOFEMINISMO DE MOEMA VIEZZER</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Pretende-se a partir da leitura e análise da biografia “Moema Viezzer: Vocação de Semente: A história de uma facilitadora da inteligência coletiva” (MOREIRA, Tereza, 2017) e a experiência de trabalho como extensionista no Projeto de “Ações de Conservação e Democratização Do Acervo Moema Viezzer”, da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), observar como Moema construiu um tipo específico de Ecofeminismo, no qual além da junção base entre as relações da ecologia e feminismo, há a especificidade onde se agrega a educação popular como meio de prática de sua visão, bem como a valorização dos conhecimentos que busquem uma ruptura à estrutura eurocêntrica, logo se aproximando também da teoria e práxis decolonial.

As fontes serão analisadas metodologicamente de forma qualitativa, a fim de construir uma narrativa que associa a vida e atuação de Moema para com sua forma de compreensão do Ecofeminismo. Os eixos centrais da pesquisa se baseiam em ferramentas da História Oral, de Gênero e Biográficas.

Estudar a partir de uma biografia é uma forma de dar “(...) *a relevância da biografia e da história de vida como forma de reabilitar o indivíduo enquanto ator histórico, ou seja, de recolocar o ser humano concreto no centro da história*” (SOIHET, 2003), logo representa uma ferramenta essencial para a compreensão de nosso problema base, uma vez que Moema Viezzer não possui uma produção acadêmica Ecofeminista, porém sua história de vida e seu trabalho como Educadora Popular e Educadora Ambiental junto a sua ética de vida correspondem ao Ecofeminismo.

Como abordado por Soihet “*A abordagem biográfica pode, enfim, ajudar a restituir a multiplicidade das experiências femininas, a multiplicidades de maneiras que vivem seus constrangimentos, a multiplicidades de caminhos que trilham para se afirmar como indivíduos plenos.*” (SOIHET, 2003), sendo assim importante os detalhes para a compreensão da trajetória de Moema Viezzer.

Uma vez que o pesquisador em questão é uma pessoa não binária, optou-se pela utilização de linguagem neutra e os pronomes elu/delu para auto referir-se, em outros pontos onde é necessário a colocação de gênero, optou-se pelo gênero feminino à frente do masculino.

## **Desenvolvimento**

### **2. A Trajetória de Moema Viezzer**

O livro “Moema Viezzer: Vocação de semente: A história de uma facilitadora da inteligência coletiva” publicado em 2017 pela Brasil Sustentável Editora, é composto de depoimentos a Tereza Moreira<sup>1</sup>, tem como objetivo contar a vida de Moema, processo desafiador esse o de contar 80 anos da história de vida da mesma, buscou-se a narrativa em primeira pessoa onde se contam suas “Memórias” e ao fim de cada capítulo temático há uma entrevista ou como colocam no livro “comentários” sobre esse trecho, foi escolhida a narração a partir de um tempo linear, desde das origens de sua família até um final aberto, uma vez que Moema segue viva e atuante.

O livro divide-se em 3 partes principais: Aprendendo com o mundo, Aprendendo a sonhar com a mudança do mundo e Aprendendo a espalhar sementes. Ao início de cada parte há uma frase, a parte um contém a frase de Vandana Shiva “Na semente está a memória da planta”, na segunda há uma frase de John Lennon, e na terceira uma de Rabindranath Tagore, que também evoca uma mensagem metafórica para com os ciclos da vida de uma planta e a nossa vida. Ao final de cada parte há uma coleção de fotografias e documentos do período da vida referenciado, a Biografia contém 13 capítulos mais um capítulo final remetendo aos desejos para o futuro chamado “Para continuar... O caminho adiante”.

Durante todo o livro há a preocupação de que os capítulos tenham títulos sensíveis, com inspirações e metáforas para com elementos naturais, bem como referências a seus ideais sócio-ambientais. Outro ponto importante é a linguagem inclusiva, não sexista, extremamente didática e a preocupação em referenciar eventos,

---

<sup>1</sup> Jornalista, escritora, educadora ambiental, ativista e amiga de Moema.

pessoas, personalidades e métodos, sendo além de uma biografia, um livro comprometido com o aprendizado de quem lê.

### 2.1.1 PARTE 1 APRENDENDO COM O MUNDO

A parte 1, contém 4 capítulos, que serão abordados brevemente a fim de compreender um pouco sobre as origens familiares de Moema, bem como suas primeiras motivações com trabalhos coletivos com mulheres;

Nascida em Caxias do Sul - RS em 1938, Moema tem hoje (2021) 83 anos, ao longo de sua história nos deparamos com diversas vivências, a princípio difíceis de serem conectadas, mas que vão construindo a narrativa dessa pessoa maravilhosa. Filha de imigrantes italianos, Moema recebeu um nome de origem indígena por seu pai achar o som do nome bonito, mas sequer sabia de sua origem, o mesmo foi um dos colonos pioneiros que abriram caminho no oeste do Paraná em troca de terras, sendo um dos fundadores da cidade de Toledo.

Moema reconhece em sua história uma herança branca e patriarcal, bem como colonial, onde seus antepassados contribuíram para o desmatamento e saqueio das terras dos indígenas Guaranis e Kaingang que habitavam/habitam a região ocupada por sua família. Se reconhece que durante sua infância até meados da vida adulta, boa parte de sua alimentação foi proveniente da agricultura familiar, ora provida por sua própria família, ora pela comunidade que estava inserida, sendo outra relação entre meio ambiente e sociedade, sem o uso de agrotóxicos, por exemplo.

Moema desde pequena era curiosa e estudiosa, o que na época era visto como uma vocação religiosa, assim pode seguir estudando dentro de um regime de internato religioso e posteriormente se tornou freira, função que desempenhou até os 31 anos de idade quando por motivações pessoais se afastou do ofício religioso, ao longo dessa trajetória, ela se graduou como Bacharel em música e participou do *Aggiornamento*

<sup>2</sup>, em 1962, que para a mesma resultou em uma excelente experiência de trabalho coletivo entre mulheres de diferentes lugares do mundo e em propostas para a renovação da Congregação das Irmãs de São José, a qual fazia parte.

Nesse período teve a oportunidade de viajar para Roma, França e Inglaterra e conhecer diversos intelectuais na época, após essa experiência, influenciada pela Teologia da Libertação e a Educação Popular, em 1973 se viu obrigada a buscar exílio político, pois trabalhava como educadora popular no nordeste e foi considerada pela Ditadura Militar Brasileira, como correspondente internacional de Paulo Freire.

## 2.1.2 PARTE 2 APRENDENDO A SONHAR COM A MUDANÇA DO MUNDO

A parte 2 conta com 3 capítulos, que remontam o período entre 1973 e 1980, em que Moema esteve em exílio, sendo um período de grande reviravolta em sua vida, onde abandonou a carreira monástica, casou se com Marcelo Grondin, aproximou-se do socialismo e dos movimentos de mulheres principalmente na América Latina, tendo vivido durante esse período no Chile, Peru, Inglaterra, México, República Dominicana e Haiti.

Inicialmente buscou exílio no Chile, depois Moema juntou-se com seu então amigo Marcelo Grondin a fim de auxiliá-lo em sua tese de doutorado no Peru, onde pode desenvolver uma consciência crítica ao “ *modo capitalista de produção do conhecimento*” da comunidade acadêmica” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 110), com isso buscavam retornar ao povo e a cidade onde estavam desenvolvendo a pesquisa os resultados da mesma.

Após a conclusão da tese de Marcelo, os dois foram para a Inglaterra, onde o mesmo estudava, lá se casaram, depois rumaram juntos para o México, República

---

<sup>2</sup> a tradução literal do italiano significa atualização, mas também concílio “*Concílios são reuniões realizadas pela Igreja Católica com o objetivo de rever periodicamente suas doutrinas e práticas, em busca de preservação, defesa e renovação da fé e dos costumes religiosos*” (p.54)

Dominicana, Haiti e enfim retornaram ao Brasil em 1980. Durante o período do exílio, Moema sempre se articulou em movimentos de emancipação de mulheres, em especial das classes populares.

Em 1975 ela participou da *Conferência Mundial sobre a mulher*, realizada pelas Nações Unidas no México, onde ela acompanhando o comitê de Solidariedade com a Bolívia conheceu Domitila Barrios, após compartilharem experiências, Moema propôs a escrita sua obra mais famosa “*Se me deixam falar... Testemunho de Domitila Barrios de Chungara, uma mulher da Bolívia*”, onde Domitila denuncia a condição dos trabalhadores das minas bem como da comunidade ao redor, é dedicado um capítulo do livro sobre a gestação do livro.

#### 2.1.2.1 “SE ME DEIXAM FALAR...” UMA EXPERIÊNCIA SOBRE HISTÓRIA ORAL

Embora na época Moema não tivesse uma graduação na área de humanidades ou de ciências sociais, bem como pouco encontrou sobre a produção de história oral, seu livro é referência na área, como diz Moema “*pode ser inserida no método de pesquisa-testemunho, utilizado na reconstituição de processos sociais, econômicos e culturais*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 142), produzido conjuntamente entre a autora e a entrevistada, aconteceu a partir da transcrição de gravações em K7 preservadas no acervo pessoal doado a Unila.

A decisão de Moema foi a de “*atuar como um canal de comunicação, sem alterar a sua expressão original*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 142), sendo por isso um desafio o de dividir a transcrição das fitas com outras pessoas que acabavam por dar ênfase em seus interesses e pontos de vista, com isso ao final de mais de um ano, havia reunido mais de 1.200 páginas datilografadas, na intenção de tornar a obra acessível e popular conseguiu reduzir a 400 e juntamente a Domitila chegaram a 1ª edição com cerca de 200 páginas.

O livro com o apoio do *Centro Ecumênico de México*, onde Moema havia trabalhado, foi vendido com 40% de desconto para grupos populares, sendo esse um compromisso assumido com Domitila. O sucesso do livro foi mundial, sendo traduzido oficialmente “*para mais de 14 idiomas: espanhol (original), português, francês, italiano, inglês, alemão, holandês, wallon, noruegues, dinamarquês, sueco, japonês, grego e árabe. Até 2003, quando saiu a última edição da qual tenho notícia, Se me deixam falar... gerou 70 edições.*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p.176)

Tal fenômeno alterou definitivamente a vida de Moema e Domitila, que virou celebridade, “*passou a ser convidada para conferências e eventos importantes, sentando-se lado a lado com personalidades como Noam Chomsky, Eduardo Galeano, Perez Esquivel.*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 149) o que também ocorreu com Moema, que passou a utilizá-lo em diversas atividades educativas. Nesse momento ela conta sobre a rejeição de sua obra no meio universitário, onde uma professora lhe disse que não poderia usar seu livro em sala de aula pois ela não usava conceitos e categorias a levando pensar sobre isso.

A invisibilidade de Moema nas universidades é bastante grande, ainda que a mesma possua vida e obra com grande riqueza nas áreas de educação popular, ativismo, movimentos sociais, com ênfase em gênero e ambientalismo e na construção de história oral, além de como busco defender nesta pesquisa, na área do Ecofeminismo, como ela trás em reflexão sobre a não ou pouca utilização de “*Se me deixam falar...*” na academia: “*será que a gente não está sabendo trabalhar com a teoria na práxis, ou seja, ler os conceitos e categorias que estão por trás das palavras da protagonista ao analisar sua realidade*” ( MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 149).

### 2.1.2.2 EDUCAÇÃO POPULAR

No capítulo 7, Moema nos conta sobre sua relação com a educação popular, sendo para ela uma questão intrínseca a sua identidade, com a semente no

trabalho coletivo desenvolvido durante o *Aggiornamento*, depois atuando junto a Paulo Freire no nordeste do Brasil e em seguida incorporou nas temáticas e questões feministas e anos depois, também agregou a vertente ambiental.

Sem grandes amarras, ela atuou *“principalmente para a Educação Popular não formal, como facilitadora de processos educativos de lideranças comunitárias. (...) como mediadora de processos (...) grupos populares, profissionais de ONGs, integrantes do funcionalismo público e, finalmente, pessoas do mundo corporativo.”*(MOREIRA, VIEZZER. 2017. p.163).

Na década de 80 Moema retorna do exílio, sendo então um importante momento de definição de sua identidade como educadora popular, nos conta a importância das instituições religiosas ligadas a *Teologia da Libertação* e contatos populares para o seguimento de sua atuação, bem como a dificuldade da compreensão em que consiste a Educação Popular como em vários países, onde o termo “popular” muitas vezes está atrelado á ofícios ou a ideias populistas

Em seguida há a preocupação em explicar o que é a Educação Popular, seus conceitos e métodos, juntamente com suas experiências em movimentos, encontros,etc. Fala-se também de sua identificação com o método que ela mais viria a utilizar: a Pesquisa-ação Participante.

Durante o processo de uma Pesquisa-ação Participante há sempre os temas geradores da mesma, com isso Moema aponta que sua *“(...) missão como educadora popular foi afinando e se identificando com dois dos movimentos sociais considerados mais importantes do Século 20: o feminismo e o ambientalismo. Dediquei-me mais profundamente à Educação Popular Feminista e à Educação Popular Ambiental, que hoje considero indissociáveis.”* (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 177) posteriormente ela conta melhor sobre seu trabalho com isso e o porquê de sua observação, porém creio que essa frase é uma chave essencial para a compreensão da perspectiva Ecofeminista de Moema.

Ao longo de sua vida como educadora popular, Moema trabalhou com

muitos temas-geradores como: *“direito da mulher, violência, saúde, Educação, trabalho, organização, cultura, partilha do poder, autonomia, agricultura familiar, extrativismo.”* (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 177).

Durante o trabalho como extensionista no acervo pessoal de Moema, pude ter acesso a inúmeros livros, cartilhas, relatórios, documentos sobre essas temáticas, muitas vezes produzidos pelos grupos e organizações que ela estava auxiliando ou os produzidos pela Rede Mulher de Educação, a qual falarei mais a respeito em breve.

Em sua experiência como Educadora Popular, chegou-se a conclusão que os processos *“são complexos e envolvem muito mais do que diversas disciplinas e a inter-relação entre elas. São transdisciplinares por excelência. Ou seja: quem participa desses processos não chega como um mero fornecedor de dados, e sim para se somar aos demais na reflexão coletiva”*. (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 179). Logo compreendemos que o processo de Educação Popular é em si algo transformador para a sociedade ou um coletivo e se desenvolve através da *práxis*.

Nesse momento de seu livro, Moema se debruça a respeito dos processos da educomunicação que seria uma posição e forma contrária à tradicional Educação bancária para a elaboração da Educação Popular, ainda que de forma muito interessante e mostrando todo seu repertório sobre o tema, não iremos nos aprofundar muito nesse momento.

### 2.1.3 PARTE 3 APRENDENDO A ESPALHAR AS SEMENTES DA MUDANÇA

A parte 3 contém 6 capítulos, tratando o período entre 1980 até 2017, quando o livro foi publicado, sendo a parte que mais interessa em nossa pesquisa, uma vez que aborda além da volta de Moema ao Brasil, a criação da Rede Mulher de Educação, seu Mestrado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sua participação na Assembléia Nacional Constituinte, também sua aproximação com a temática ambientalista e diversas atuações sociais na área da Educação Ambiental, Popular e Feminista.

Moema adentrou o “universo” da Educação Ambiental, com seu trabalho na *Cetesb (companhia ambiental do estado de São Paulo)* em 1983, onde foi chamada para criar a *Gerência de Educação Ambiental*, lá desenvolveu e coordenou projetos que aliam as técnicas da Educação Popular para a solução de problemas ambientais do Estado de São Paulo.

Conta-se o caso famoso de Cubatão, conhecido como “Vale da Morte” nos anos 70 e inícios de 80, onde junto com sua equipe, colaboraram para reconhecer os problemas e desenvolver soluções com a participação da população do local, resultando no reconhecimento de Cubatão como uma cidade-símbolo de recuperação ambiental.

Dentre tantas características e qualidades de Moema, sem dúvidas sua curiosidade e espírito pró-ativo se destacam, nesse momento ela se dedicou juntamente aos trabalhos e a vida familiar, à estudar mais a respeito da questão ambiental, como ela mesma refere “bebendo de várias fontes” a qual cita suas referências de professores, à filósofos, economistas, ecólogos, engenheiros, químicos, etc, sendo todos também ambientalistas.

Por conta dessa experiência na *Cetesb*, bem como sua atuação como Coordenadora Geral da *Rede Mulher de Educação*, em 1989 ela é convidada para iniciar e coordenar a distância o *Programa de Educação Ambiental* da CEAAL (Conselho de Educação Popular de América Latina e Caribe), ampliando sua compreensão da transversalidade dos temas, atuando como Educadora Ambiental juntamente como Educadora Feminista e Popular ao coordenar os projetos promovidos pelo CEAAL.

Nessa caminhada, chegou-se ao convite para a participação da organização da *2ª Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento*, que seria realizada em 1992 no Rio de Janeiro, na famosa Rio’92, mais especificamente como coordenadora do processo preparatório da Rio’92, para a elaboração do relatório da ONU, *Nosso futuro comum* na *Jornada Internacional de Educação Ambiental* que ocorreria no evento.

Em 1991 Moema recebeu o convite para trabalhar no Icae (International Council for Adult Education/ Conselho Internacional para Educação de Adultos) para iniciar o *Programa de Educação Ambiental*, a fazendo se afastar do Ceaal.

A já apontada transversalidade dos temas geradores fez com que a experiência de Moema não fosse apenas teórica como aponta “*Continuei aprendendo e*

*atuando muito na questão ambiental de acordo com as demandas que me chegaram, seja nos Grupos de Mulheres e de Movimentos Sociais, como também de Prefeituras e, depois, de empresas.” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p.317).*

Cita-se como exemplos desse aprendizado:

*“(…)a Alfabetização ecológica, a educação Popular Ambiental, a Ecopedagogia, a Aprendizagem Transformadora, a Educação Socioambiental, (...) a Educação Gaia (...). agregaria também o conceito de Educação que decorre da teoria do **Buen Vivir/ Sumak Kawsay**, que nos é trazida pelas populações indígenas” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 317)*

demonstrando que além das experiências de ordem ocidental, a mesma teve contato também com teorias e visões puramente latino americanas.

### 2.1.3.1 ÉTICA DO CUIDADO

Um dos subtópicos do capítulo 11 se chama justamente “Ética do cuidado”, ética a qual muitas ecofeministas vão utilizar para produzir seus debates e argumentações.

Para Moema, o cuidado é uma expressão do amor, seja ela em relações humanas ou para com a sua comunidade de vida, como forma básica de sobrevivência de tudo, inclusive de nossa espécie. Em sua visão, *“(…) parece que chegamos ao extremo ‘limite’ dos descuidos (...). Chegamos ao ponto que, até por uma questão de sobrevivência, nós seres humanos, precisamos retornar ao cuidado como uma questão moral e ética.” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 318)* logo a importância de conhecer e respeitar nossa “casa comum”.

A ética do cuidado se apresenta como algo tão importante que é o pilar de dois documentos produzidos durante a Rio’92 pela sociedade civil: a *Carta da Terra* e o *Tratado de Educação Ambiental*. Sendo a mudança de postura em relação aos valores algo, talvez, mais efetivo do que os avanços científico-tecnológicos para uma melhora de bem estar global. Nas palavras de Moema *“a Educação Socioambiental, em última análise significa “formação para a ética do cuidado” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p.318)*

*“A Educação Ambiental Popular foi a trilha principal pela qual andei” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p.319)*, essa sendo construída pelas bases de Paulo Freire e depois juntamente com os princípios ambientais, levando ao amadurecimento dessas duas vertentes, uma que inicialmente se preocupou mais com o social em preterimento ao

ambiental e a outra que não consideraria o social em relação o ambiental.

Para a transformação do meio ambiente precisa-se de uma transformação social, não sendo possível a separação desses dois âmbitos, “*a perspectiva de construção de uma nova ética, baseada em valores libertários, democráticos e solidários entre nós, humanos, e com os demais seres da natureza*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 319).

É trazido nesse momento outras vertentes que irão pautar a educação ambiental, bem como como cada uma delas influenciou a atuação de Moema, dentre elas temos a Ecopedagogia, trazida por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado (fundadores do *Centro de Comunicação para a América Latina*, na década de 80), a Aprendizagem Transformadora, do canadense Edmund O’Sullivan, a Alfabetização Ecológica, da equipe do *Elmwood Institute* nos Estados Unidos da América, que baseados no pensamento sistêmico propõem uma nova maneira de ver e pensar o mundo, em contato com essa linha de pensamentos em 1985, a Rede Mulher traduziu o trabalho de Fritjof Capra que foi utilizado nos laboratórios de Educação Ambiental com mulheres.

Há destaque para a Educ-Ação Socioambiental, já que a mesma perpassa as demais vertentes propondo o “aprender fazendo”, cita-se também a Educação Gaia, a qual a mesma teve contato ao conhecer a cantora brasileira e ativista ambiental May East, que busca a transdisciplinaridade e sua metodologia ocorre por meio de imersões em ecovilas.

Por último, porém não menos importante, se aborta do *Buen Vivir/ Sumah kawsay*, que “*(...) nos levam a retomar valores ancestrais mais do que necessários neste momento de crise global (...)*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 322) ressaltando as cosmovisões dos indígenas que habitam ancestralmente o continente que habitamos a respeito do planeta, a *Pachamama* dos povos aymaras e quechuas, o *Tekohá* dos guaranis, e a Terra do Grande espírito dos povos da América do Norte.

A compreensão que o planeta não é uma fonte de recursos, mas sim um organismo vivo, que “*É um chamado a reconhecer que a Terra não nos pertence, que nós que pertencemos a Terra.*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 322), logo a Terra é dotada de direitos, tanto quanto nós humanos, cita-se o escritor aymara Fernando Huanacuni Mamani que em seu livro *Vivir Bien/ Buen Vivir* sintetiza o que isso significa em quatro princípios: *o direito de existir, direito à regeneração da biocapacidade da Mãe-Terra,*

*direito a uma vida limpa e o direito à harmonia e ao equilíbrio com todos, entre todos e tudo.*

Elucida-se como essa visão é completa e pode ser incluída em qualquer programa de Educação Ambiental, sendo que tal consegue observar a complexidade da interdependência da vida na Terra e com isso subverte a ideia antropocêntrica que o ser humano precisa salvar/cuidar da Terra, sendo todos os seres parte desse cuidado e cuidados pela mesma.

Para finalizar o capítulo, aborda-se como os caminhos apresentados não são excludentes, podendo confluir juntos em busca de soluções, bem como se reconhece que a Educação Ambiental é um caminho que não termina, uma vez que sempre irão surgir novos desafios e novas maneiras de solucionar.

#### 2.1.3.2 TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

No capítulo 12, se desenvolve a respeito das jornadas para a construção do *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*, documento realizado durante a Rio'92 juntamente com a *Carta da Terra* no Fórum Global.

Moema participou de diversos movimentos juntamente com o *Icae*, onde era Coordenadora do Programa de Educação Ambiental e ajudou na articulação de mais de 1.300 ONGs e movimentos sociais de 108 países a fim de elaborar a carta durante o Fórum Paralelo da Sociedade Civil, na Rio'92, na qual se utilizou metodologias de Pesquisa Ação-Participante.

O processo foi bastante desafiador, para organização do Fórum, porém se concretizou no Aterro do Flamengo “*A tenda nº 6 - da Jornada Internacional de Educação Ambiental*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p.337), participaram da tenda organizações ligadas a diversos movimentos sociais com ênfases diversas e também de todos os continentes, algumas presenças ilustres que se citam são a de “(...) *Vandana Shiva, da Índia, da Chief Bizzi Ogunleíê, da Nigéria, da Sister Gayatri Naraine, de Nova York, (...) Luiza Erundina, então prefeita de São Paulo, de nosso Mestre comum, Paulo Freire, Presidente de honra do Icae.*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 337).

O método de trabalho foi intenso, organizado e articulado em quatro idiomas, logo foi possível a conclusão do Tratado de Educação Ambiental, que se

destinou aos mais diversos atores sociais, desde ONGs, movimentos sociais, até mesmo instituições acadêmicas, governos, etc, com a tese de que “*somos todos aprendizes e educadores para a sustentabilidade*” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 339). O documento possui 16 princípios, que visam a renovação de nossa forma de perceber o mundo, bem como nossa ética perante ao mesmo.

### **Os 16 Princípios do Tratado**

Após ressaltar que a educação é um direito de todos (1) e que a *base da Educação Ambiental* deve ser o pensamento crítico e inovador - *em suas modalidades formal, não formal e informal* - promovendo a *transformação da sociedade* (2), o *Tratado* reforça os princípios de que a Educação Ambiental é *individual e coletiva* (3) e *não é neutra, mas ideológica; é um ato político* (4). A seguir, detalha:

### **O que precisamos APRENDER com a Educação Ambiental:**

- Envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação ser humano-natureza-universo (5).
- Estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos (6).
- Tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações, considerando o seu contexto social e histórico (7).
- Facilitar a cooperação mútua e equitativa nos processos de decisão, valendo-se de estratégias democráticas e da interação entre as culturas (8).
- Recuperar, respeitar, refletir e utilizar a história indígena e as culturas locais, modificando enfoques etnocêntricos e promovendo a diversidade cultural (9).
- Estimular e potencializar o poder das diversas populações, promovendo mudanças democráticas de base para que as comunidades retomem a condução de seus destinos (10).
- Valorizar as diferentes formas de conhecimento, opondo-se ao monopólio e ao patenteamento de conhecimentos produzidos e acumulados socialmente (11).
- Capacitar as pessoas a trabalharem os conflitos de maneira justa e humana (12).
- Promover a cooperação e o diálogo para criar novos modos de vida, baseados em atender às necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe social (13).
- Democratizar os meios de comunicação de massa, transformando os meios de comunicação em canais privilegiados de Educação

(14).

- Integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações, convertendo cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis (IS).
- Ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, aprendendo a respeitar seus ciclos de vida e a impor limites à sua exploração pelos seres humanos (16).

(MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 339-340)

Podemos observar a complexidade do tratado e sua preocupação para com a Educação Ambiental em um caráter renovador, influenciando e promovendo novas perspectivas.

Ao longo da década de 90 houveram desafios e momentos críticos, financeiramente inclusive, para com as organizações que buscavam a continuidade do trabalho desenvolvido, porém houve também a possibilidade advinda da internet que passou a se popularizar no período, assim continuou-se as articulações para a construção da *II Jornada Internacional de Educação Ambiental* a ocorrer na Rio+20, que contou com a participação de 26 organizações nacionais e internacionais a qual Moema esteve como Coordenadora Geral.

Havia a busca pela construção de uma *Rede Planetária* permanente, porém em 2012, quando chegou então a Rio+20, as dificuldades de articulação não permitiram a criação de tal rede, desafios causados principalmente pela falta de recursos e pela dispersão das pessoas e organizações que a compunham.

A sessão de “comentários” ao fim desse capítulo, dialoga sobre a relação entre os documentos internacionais e os “tempos de economia verde”, onde se discute sobre a necessidade de mantermos o espírito de aprendizes, principalmente com a temática ambiental, logo sempre precisando reformular nossas ações e tratados para atender as demandas que vierem, há a crítica a respeito da dificuldade da implementação dos tratados na prática, tendo como grande empecilho o sistema capitalista, que atualmente muito se disfarça pelo *greenwashing*<sup>3</sup>, ainda que se acredite na possibilidade

---

<sup>3</sup> do inglês “pintado de verde” ou “lavagem verde”, compreende em discursos, marketings, ações, etc aparentemente sustentáveis e ecológicos, porém que os atores das mesmas (sejam organizações, empresas, governos, etc) pouco ou nada fazem pela questão ambiental.

do desenvolvimento de sociedades eco-cidadãs.

Cita-se a importância da *Carta da Terra*, documento também proposto durante a *Rio'92* e como o mesmo possui diversos ensinamentos a respeito da construção de uma sociedade sustentável, termo que “(...) vem da *Ecologia e da Biologia* e traz implícita a inter-relação entre todos seres da comunidade de vida.” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 355), logo só se pode construir uma sociedade que seja de fato sustentável quando se compreende a vida na terra como algo complexo e interligado, algo que reconhece ser extremamente desafiador no atual modelo econômico mundial.

### 2.1.3.3 VINDA PARA O OESTE DO PARANÁ

No capítulo 13, aborda-se o período da vida onde Moema muda-se com a família para Toledo, no interior do Paraná, em 1997, motivados pela intenção de viver em uma cidade menor, aproximar-se da família e também pela oportunidade de trabalho que Marcelo recebeu como professor da Unioeste em Toledo.

Longe de cidades grandes e capitais, teve a oportunidade de expandir sua atuação de trabalho e ativismo, seguiu coordenando a *Rede Mulher* a distância, e em 2000 coordenou o projeto *Mudando o Mundo com as Mulheres da Terra*, durante esse período desenvolveu seu trabalho com assessoria para diversas instituições como a *Coordenação Regional dos Atingidos pelas Barragens do Iguaçu* e em 2001 juntamente com a comunicadora Berenice Mendes, criaram o *Instituto de Comunicação Solidária (ComSol)* com o qual desenvolveram diversas atividades até 2010.

Junto com Tereza Moreira em 2003, confeccionaram a cartilha *É a vez das Mulheres*, a mesma foi produzida como parte do *Programa de Ações Afirmativas do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA)*, com um material que associava o conceito de equidade de gênero com o acesso ao crédito para trabalhadoras rurais, o material produzido visava uma atuação social ampla, porém sofreu censura por elas apontarem a temática de cotas que surgiu na Central Única de Trabalhadores (CUT), tendo 2 páginas sendo tiradas manualmente das cartilhas já impressas.

Após essa longa jornada, ainda em 2003, Moema foi convidada a trabalhar junto com a Itaipu Binacional, localizada em Foz do Iguaçu, Paraná, a segunda maior hidrelétrica do mundo, no *Programa Pró-equidade de Gênero da Empresa*

*Hidrelétrica Itaipu Binacional*, a convite de Gleisi Hoffmann<sup>4</sup>, também trabalhou com consultorias para a empresa. Dentre outras empresas de alcance regional e nacional a qual Moema desenvolveu consultorias com as temáticas de gênero e ambientais nesse período, temos a *Companhia Paranaense de Eletricidade (Copel)* e o *Serviço Social da Indústria (Sesi)*.

Outro ponto importante a se destacar a respeito do trabalho com a Itaipu foi o desenvolvido com a temática da Educação Socioambiental, com a criação do *Projeto Água Boa*, que foi inclusive premiado pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 2013.

Uma iniciativa de desenvolvimento local sustentável  
O Programa o Cultivando Água Boa (CAB) abrangeu 20 programas, 63 projetos/ações e mais de 2 mil parceiros, sendo desenvolvido nos 29 municípios da região de influência da Itaipu Binacional, no oeste paranaense. O programa surgiu da necessidade de corrigir os passivos ambientais que atingiam a Bacia Hidrográfica do Rio Paraná III e que, no longo prazo, constituíam ameaças à produção energética da empresa, que é responsável por cerca de 20% da eletricidade gerada no Brasil.

Desde 2003, quando foi lançado, o programa diagnosticou os problemas socioambientais da região e começou a corrigir os passivos encontrados, com a ampliação e a proteção das matas ciliares em torno dos cursos d'água, conservação dos solos, tratamento de dejetos dos suínos, conservação de estradas, criação de espaços para o descarte de embalagens de agrotóxicos, incentivo à agricultura orgânica, ao turismo rural e à piscicultura, entre outras opções produtivas, incluindo cooperativas de catadores e catadoras de materiais recicláveis.

O CAB também investiu em mudanças comportamentais e culturais. Isso envolveu a formação de mais de 20 mil educadores ambientais formais e não formais e a implementação de projetos educativos em todos os municípios da bacia, alcançando, com suas ações, cerca de 500 mil pessoas. Escolas, postos de saúde, universidades e até mesmo aldeias indígenas envolveram-se em atividades voltadas à melhoria da qualidade de vida na região. O programa desenvolveu também uma série de iniciativas de conservação das espécies, bem como de incentivo à criação de áreas protegidas e de corredores da biodiversidade.

Difundindo suas boas práticas, o CAB tem exportado as tecnologias socioambientais que desenvolveu para bacias hidrográficas dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. E programas similares começaram a ser implantados também em outros países. Esta iniciativa, que trouxe resultados expressivos, foi amplamente divulgada e recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Entre eles, o Cultivando Água Boa foi premiado pela ONU como melhor prática no cuidado da água em 2013.

(MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 364)

Tal projeto teve vários desdobramentos, sendo de suma importância para o cuidado das águas na região da Bacia do Paraná III, bem como para os municípios lindeiros ao lago de Itaipu, para o desenvolvimento do projeto, utilizou-se os conceitos da

---

<sup>4</sup> advogada e política brasileira.

*Agenda 21 do pedaço*<sup>5</sup> e da *Carta da Terra*, além dos resultados já apresentados e premiações, o Projeto proporcionou espaço para a *Formação de Educadores e Educadoras Ambientais (FEA)* em espaços formais e informais e também a criação do *Coletivo Educador Regional*.

#### 2.1.3.4 IMAGINANDO FUTUROS POSSÍVEIS

Enfim, chegamos ao último capítulo, que não é numerado, nomeado “Para continuar... O caminho adiante”, que se inicia com uma poesia que aproxima a ideia da costura, do bordado, com o as experiências da vida, bem como com os encontros, esse trecho me remete à perspectiva de Daniela Rosendo, que citarei posteriormente, a qual fala da potência do *quilting*<sup>6</sup>, que inspira seu trabalho e inclusive nomeia seu projeto em andamento “Quilting Educação & Filosofia Artesanal”. Esse capítulo não se estrutura como os demais, trata-se mais de um bate papo entre Tereza e Moema, onde se reflete sobre a trajetória de vida, os sonhos e expectativas.

A partir dos sentimentos compartilhados, nos aproximamos da figura da Moema, dessa pessoa forte, sensível e que buscou sempre facilitar a aproximação das pessoas e o desenvolvimento desses encontros em melhorias socioambientais, atravessadas pelas questões de gênero, raça e classe. A mesma nos conta que:

Perdi a conta dos grupos, comunidades, associações, sindicatos, cooperativas, movimentos sociais, igrejas, partidos políticos, empresas e órgãos públicos municipais, nacionais, internacionais nos quais atuei como educadora popular. E assim fui aprendendo/ensinando, principalmente sobre temas que nos remetem a novas relações entre os seres humanos e da humanidade com a natureza, tão necessárias e urgentes nestes tempos que atravessamos.

(MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 398)

Fala-se sobre as premiações que Moema ganhou, que ela não coloca acima das experiências pessoais de facilitar o desenvolvimento das pessoas, das comunidades, dentre menções honrosas, medalhas, diplomas, ela cita também que considera um prêmio o sucesso do livro “*Se me deixam falar...*” e como o mesmo

---

<sup>5</sup> documento planetário também elaborado na Rio’92 que reúne diversos compromissos em prol da sustentabilidade, o mesmo serviu de base para a elaboração dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) concebidos em 2015.

<sup>6</sup> De forma simples é como um edredom de retalhos, feito de forma artesanal, geralmente por mulheres, com várias camadas formando algo que protege e acolhe.

continua a ser lido e utilizado em pesquisas, algumas premiações que Moema recebeu:

- 1985: Prêmio Robby Kidd, do Conselho Internacional de Educação de Adultos, pelo significado de meu trabalho de Educação Popular em âmbito internacional;
- 1996: Prêmio Cidadania Mundial, pela Comunidade Bahá'í, durante o evento realizado no Parlamento Latino-Americano em São Paulo;
- 2000: em Curitiba, Mulher do Século, conferido pelo Governo do Estado do Paraná
- 2004: Homenagem durante o V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, realizado em Goiânia (GO);
- 2005: Indicada na iniciativa “1.000 Mulheres pelo Prêmio Nobel da Paz 2005”;
- 2007: Diploma Bertha Lutz, concedido pelo Senado Federal;
- 2008: Reconhecimento na qualidade de Parceira Internacional pela ONG Sobrevivencia Amigos de la Tierra Paraguay;
- 2014: Prêmio Rose Marie Muraro: Mulheres Feministas Históricas, pelos mais de 50 anos de engajamento em prol da causa das mulheres;
- 2015: participação da *Cátedra da Unesco sobre Diversidade, Cultura, Gênero e Fronteiras*;
- 2016: Título de Cidadã Honorária do Município de Toledo;
- 2017: Homenageada como Eco cidadã no IX Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, em Balneário Camboriú (SC);

Em 2017, além da publicação do livro base dessa pesquisa, recebeu a homenagem ao nomear o *Observatório Educadora Ambiental Moema Viezzer*, criado pela Universidade federal da Integração Latino-americana - UNILA, que no mesmo ano também recebeu o acervo de livros e outros materiais sobre Educação, Gênero e Meio Ambiente.

Outra reflexão interessante e importante a respeito da forma de Moema ver o mundo tem a ver com a espiritualidade, com origens cristãs, posteriormente se

aproximou de outras religiões e filosofias e nos conta que pratica diariamente meditações, se inspirando nos ensinamentos de Ken O'Donnel<sup>7</sup>. Percepções sobre a compaixão e o desapego também são essenciais para construção da filosofia de vida de Moema.

Encerra-se o livro com as intenções de trabalho, cita-se o interesse no desenvolvimento de projetos de forma online, da aproximação com Movimento Global de Mulheres, com a sua diversidade, trocando com pessoas de diversas classes sociais e etnias, a fim do seguimento dessa construção rumo a um mundo mais sustentável.

(...) continuo em minha rotina diária: meditar; cuidar da casa (cozinhar, lavar roupa, comprar na feira e no mercado) e do jardim (cultivar plantas e flores); zelar pela saúde com alimentação saudável e exercícios físicos (para enferrujar!); conviver com a família e as pessoas próximas, independentemente da distância... Ler, escrever, orar, colocar-me a par das notícias. Continuar servindo e - por meio de tudo isso - aprendendo a praticar a Ética do Cuidado, no jeito de ser da filosofia do Buen Vivir. E, claro, vou gostar de conferir se esta publicação, que não deixa de ser uma nova "semente" plantada com sua parceria, está sendo regada. E, quem sabe, até produzindo algum fruto? Seria bom demais!

Como despedida, quero deixar os meus bons votos a todas as leitoras e leitores, citando o parágrafo final da Carta da Terra que, para mim, representa o grande anelo das pessoas e organizações humanas que acreditam que "um outro mundo é possível". Ele reza assim:

*Que o nosso tempo seja lembrado  
pelo despertar de uma nova reverência face à vida,  
pelo compromisso firme de alcançar a sustentabilidade,  
a intensificação da luta pela justiça e pela paz e  
a alegre celebração da vida.*

(MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 413)

---

<sup>7</sup> “Escritor australiano radicado no Brasil, consultor internacional e professor de meditação desde 1975. É o responsável pela coordenação das atividades da Universidade Espiritual Mundial Brahma Kumaris na América do Sul, autor de doze livros, alguns dos quais traduzido para nove idiomas.” (MOREIRA, VIEZZER. 2017. p. 405)

### 3. Ecofeminismo(S): O “Tema Gerador”

Apesar de ter iniciado minha pesquisa de TCC sobre outra temática feminista, em 2020 principalmente motivada por minha adoção ao veganismo e posteriormente em decorrência da pandemia de SARS-COV-19, me vi provocada a tratar temas que transpassassem a questão ambiental, após diversos desafios decorrentes da pandemia, Gerson Ledezma professor da Unila e também meu coorientador me propôs estudar a temática ecofeminista, já que aproximaria duas correntes que me são interessantes, acertadamente logo o tema me envolveu e fui buscando cada vez mais a respeito do mesmo.

Em 2019, a editora Ape’Ku lançou no Rio de Janeiro, o livro “Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais”, com a organização de Daniela Rosendo, Fabio A. G. Oliveira, Priscila Carvalho e Tânia A. Kuhnen, onde reúnem 9 artigos, principalmente de autoras/es brasileiras/os e Latino Americanas/os com pesquisas a respeito dos ecofeminismos, em plural, uma vez que é diverso em abordagens e perspectivas, explorando temáticas sobre Ética, filosofia moral e feminismo, sendo esse livro uma das minhas maiores referências sobre a temática, juntamente a debates e entrevistas de Daniela Rosendo<sup>8</sup> nas redes sociais como YouTube e Instagram.

O primeiro capítulo é uma tradução realizada por Daniela Rosendo de Marti Kheel, ativista e ecofeminista vegana estadunidense, falecida em 2011. Ainda que para esse presente trabalho não tratamos a questão da ética animal, a mesma é bastante didática ao explicar o que é o ecofeminismo:

O ecofeminismo é tanto por um campo teórico de estudo quanto um movimento social que surgiu em resposta à degradação crescente do mundo natural. O termo *ecofeminismo* foi cunhado em 1974 por uma francesa chamada Françoise D’Eaubonne (1974), embora ele pareça ter surgido de forma independente em outros lugares por volta da mesma época. (...) No nível mais amplo, o ecofeminismo refere-se à ideia de que a desvalorização das mulheres e da natureza tem andado de mãos dadas na sociedade patriarcal.” (KHEEL, 2019. p. 32)

Logo, a premissa base que sustentam as ecofeministas é a de alteridade homem x natureza, já que as mulheres (ou qualquer corpo que não esteja dentro de uma

---

<sup>8</sup> Daniela Rosendo Doutora e Mestre em Filosofia (UFSC), e graduada em Direito (Univille). Atua em redes, coletivos e na criação do “Quilting Educação & Filosofia Artesanal, um projeto de educação ecofeminista.”

norma de gênero) são identificadas mais dentro da esfera de natureza do que de ser humano, seja por sua biologia (aquela que gesta, que menstrua), seja sua relação histórico sócio cultural em um papel de submissão ao homem. Essa relação de poder, em grande parte ocidental que se baseia na racionalidade e na dominação do que fuja da norma, visa uma homogeneização e controle, seja ele da natureza ou dos corpos femininos ou feminilizados.

Assim como há correntes feministas que são baseadas apenas na diferença de gênero (binária), dentro do ecofeminismo há também aquelas que olham dessa maneira, porém há correntes que abordam a temática de forma transversal, seja a respeito do próprio gênero agregando a temática *queer/kuir*<sup>9</sup>, mas também ao reconhecer que as opressões vão além de gênero/sexualidade, considerando entroncamentos a respeito de raça e classe.

Dentro da corrente ecofeminista temos vários eixos, onde as intelectuais e/ou ativistas irão se debruçar mais a respeito de alguns temas do que sobre outros, há perspectivas mais liberais outras mais libertárias, algumas irão pautar os direitos da natureza ainda vendo-a como algo distante dos seres humanos, outras irão buscar uma superação da dicotomia homem x natureza, buscando assim o reconhecimento da natureza e todos os seres que são compreendidos por ela como detentores de direito a suas vidas.

Há vertentes que irão se importar com a defesa da vida selvagem e preservação do meio ambiente e como isso afeta a vida das mulheres, principalmente as que vivem próximas a espaços naturais e em situações de marginalidade social, outras junto a essa perspectiva trazem também com a libertação animal para o debate observando também os animais que atualmente são vistos como produtos e alimento como detentores de direitos.

Muitas teóricas e/ou ativistas ecofeministas observam também a interseccionalidade como eixo de observação dessa realidade, onde as questões de raça, gênero e classe se relacionam, logo quanto mais longe da norma (homem cis branco heterossexual cristão e burguês) mais próximo da natureza, portanto mais suscetível a ser tratado como algo a ser dominado, exterminado ou assimilado cruelmente.

---

<sup>9</sup> Queer é um termo guarda-chuva para minorias sexuais e de gênero, ou seja, que não são heterossexuais ou não são cisgênero. (Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Queer>). Kuir: subversão da palavra *queer*, para a linguagem oral latino-americana.

Não pretendo dar conta em explicar todos os tipos de ecofeminismos ou pautar qual seria o melhor, apenas ilustrar a relação das buscas ecofeministas em lidar com a temática de conflito do patriarcado contra as mulheres e a natureza, sob a luz que os eixos edificantes da episteme ecofeminista são a preservação, o cuidado, a diversidade e a ajuda mútua. Como explica-se no livro Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais:

(...) o ecofeminismo tem sido ferramenta importante enquanto corrente de pensamento que denuncia as imbricações entre sistemas opressores que atingem - partindo de uma matriz comum - mulheres (humanas assim nominadas) e animais (de outras espécies, especialmente fêmeas). Assim sendo o ecofeminismo se apresenta como uma corrente teórica e prática que imbrica mulheres, do meio ambiente e dos animais por meio da identificação de elementos, ou, de pontos de partida comuns para suas opressões. (DIAS, SOARES, GONÇALVES. 2019. p. 197)

### 3.1 Ética do Cuidado

Como observamos na leitura e análise da Biografia de Moema, a Ética do Cuidado representa uma base ética fundamental das Ecofeministas, ao reconhecer a interdependência da vida na terra, seja nas relações humanas ou não humanas. Seu amigo, Leonardo Boff<sup>10</sup> aparece como referência moral para Moema em sua biografia, citando seu livro “Saber Cuidar. Ética do humano – compaixão pela Terra”, publicado em Petrópolis, Rio de Janeiro em 2004.

Durante o trabalho de catalogação no acervo tive contato com um livreto impresso pela Rede Mulher de Educação com o conteúdo de Vandana Shiva onde se comenta: *“As maneiras ecológicas de conhecer a natureza são necessariamente participativas. A própria natureza é um experimento, e a mulher como silvicultora, agricultora e administradora de recursos hídricos é a cientista tradicional natural. Seu conhecimento é ecológico e plural reflete a diversidade dos ecossistemas naturais, bem como a das culturas que nasceram da vida baseada na natureza.”* (SHIVA, Vandana. 1991, p. 8).

---

<sup>10</sup> Leonardo Boff, teólogo, escritor, palestrante e professor universitário brasileiro.

A Ética do cuidado apresenta-se como uma alternativa perante a outras maneiras de se pensar a ética, como aponta Daniela Rosendo em sua tese de mestrado *“Dentre os valores que permeiam essa ética, encontram-se o cuidado, a responsabilidade, a confiança, a fidelidade e a sensibilidade, em detrimento de regras universais e cálculos imparciais utilitaristas, por exemplo.”* (ROSENDO, Daniela. 2012. p. 73)

### **3.2 Feminismo(s) decolonial**

Assim como apontado a respeito dos ecofeminismos, o que entendemos como feminismo decolonial também é bastante plural e diverso, e irá versar também com a questão da alteridade, dessa vez a partir de como o processo colonial sujeitou através de um recorte interseccional os seres humanos racializados e pertencentes ao mundo subdesenvolvido, ou como anteriormente se designava terceiro mundo, categorizando esses seres, suas cosmovisões, epistemes e modos de vida como inferiores aos europeus e pertencentes ao norte global.

A decolonialidade se constitui como uma escola de pensamento essencialmente latino americana, organizada inicialmente em meados da década de 90, funciona como ferramenta para a compreensão das opressões geradas pela colonialidade, bem como possibilita a valorização de outros tipos de interpretações do mundo, sendo uma busca de “outros mundo possíveis” a partir de uma epistemologia contra hegemônica (leia-se ocidental).

(...) com estudos decoloniais nos referimos aqui ao conjunto heterogêneo de contribuições teóricas e investigativas sobre a colonialidade. O que cobre tanto as revisões historiográficas, os estudos de caso, a recuperação do pensamento crítico latino-americano, as formulações (re)conceitualizadas, como as revisões e tentativas de expandir e revisar as indagações teóricas. É um espaço enunciativo não isento de contradições e conflitos, cujo ponto de coincidência é a problematização da colonialidade em suas diferentes formas, ligada a uma série de premissas epistêmicas compartilhadas. (QUINTERO, FIGUEIRA, ELIZALDE. 2019. p.4)

### **3.3 Aproximações da decolonialidade com o ecofeminismo**

Para a realização dessas aproximações, utilizaremos como base os artigos contidos no livro Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais

(2019), organizado por Daniela Rosendo, Fabio A. G. Oliveira, Prícila Carvalho e Tânia A. Kuhnen, o qual possui ao menos dois capítulos relacionados com a temática: Capítulo 8 A perspectiva dos funcionamentos: entroncamentos entre ecofeminismo e decolonialidade, de Maria Clara Dias, Suane Soares e Letícia Gonçalves e o Capítulo 9 Conhecimento e luta política das mulheres no movimento agroecológico: diálogos ecofeministas e descoloniais de Maria da Graça Costa.

Apesar de pouco explorada, a aproximação da temática decolonial e ecofeminista é possível uma vez que ambas buscam outras formas de perceber as origens das opressões para assim pensar em construir outro(s) mundo(s) como se aponta no artigo A perspectiva dos funcionamentos: entroncamentos entre ecofeminismo e decolonialidade: *“Destacamos a compreensão de que a colonialidade patriarcal racializada não se limita a um padrão de dominação global centrado na população humana, mas se expande às outras espécies, como será destacado pelo ecofeminismo”* (DIAS, SOARES, GONÇALVES. 2019. p. 195).

Pensar nas interseccionalidades torna-se algo natural para pensadores tanto Decoloniais como Ecofeministas, como explora Janyne Sattler<sup>11</sup> no capítulo 7 Um projeto ecofeminista para a complexidade da vida: *“Um projeto feminista não é,(...) um projeto “feminino” e não é um projeto para mulheres, mas é um projeto de construção e respeito mútuo em direção a uma sociedade de cooperação igualitária.”* (SATTTLER, 2019, P.185)

Uma visão Ecofeminista não se limita às questões de Gênero e Ecológicas, podendo (e devendo) abranger demais complexidades que formam as sociedades humanas em busca de uma organização anticolonial, *“Um ecofeminismo decolonial precisaria propor justamente uma visão a partir de mulheres que vivem em países do Sul (ex-colônias de exploração,(...)) e buscam a conexão de aspectos fundamentais como a questão de raça, classe e colonização conectadas com a visão ecológica.”* (DIAS, SOARES, GONÇALVES. 2019. p. 198)

Como sabiamente resumem as autoras a respeito da ligação entre as visões Ecofeministas e Decoloniais:

*“(...) ecofeminismo e feminismo decolonial são - apesar de originados em pontos diferentes do globo - associáveis por meio de uma percepção de*

---

<sup>11</sup> Janyne Sattler, Filósofa, Doutora e Professora na Universidade Federal de Santa Catarina.

que a colonização não funciona sem a exploração da natureza e a exploração da natureza não funciona sem a colonização dos povos que habitam determinadas regiões” (DIAS, SOARES, GONÇALVES. 2019. p. 198)

### **3.4 Ações de conservação e democratização do acervo Moema Viezzer**

Como abordamos anteriormente, Moema Viezzer doou parte do seu acervo pessoal para a biblioteca da UNILA em 2017, com a finalidade de apoiar os trabalhos do grupo de ensino, pesquisa e extensão que a homenageia: Observatório Educador Ambiental Moema Viezzer. O acervo constitui um repositório de pesquisas e apoio para profissionais que atuam no ensino, pesquisa e extensão nos temas de: Meio Ambiente, Relações Sociais de Gênero e Educação Popular, assim como dá suporte também ao trabalho da Educação Ambiental. Assim, para o acervo cumprir seu papel foi necessário um trabalho de higienização, catalogação e preservação do mesmo.

No ano de 2021, tive a oportunidade de trabalhar como extensionista bolsista em tal projeto, sendo esse uma das minhas inspirações para a realização dessa pesquisa, já que através do mesmo que proporcionou o contato com a figura de Moema Viezzer. Coordenado pela Prof<sup>a</sup> Suellen Mayara Péres de Oliveira, professora adjunta do curso de Relações Internacionais e Integração - ILAESP – UNILA, o projeto também contou com a participação de mais três estudantes voluntárias: Mônica E Santacruz Delvalle, Ana Clara de A Valadão, Fernanda Y Wakayama, todas do curso de Relações Internacionais e Integração na Unila e que desempenharam trabalhos de forma remota ao longo da ação de extensão.

O projeto combinou a metodologia da história oral com os procedimentos

de organização de acervos, desse modo foi possível coletar as histórias dos objetos. Para a organização do acervo, fizemos a separação por sua classificação e criamos seções de cartazes, livros e periódicos, ao mesmo tempo elaboramos um modelo de classificação e limpamos o material.

Durante o ano de 2020, pretendia-se finalizar a catalogação e digitalização para organizar as exposições dos materiais e realizar oficinas com os educadores ambientais e populares, mas a pandemia Covid-19 paralisou as atividades presenciais da Unila. Retomamos as ações no ano de 2021, de acordo com o protocolo de segurança sanitária, no entanto o acervo ficou fechado no ano de 2020, por isso foi necessário higienizar todos os materiais novamente.

A “perda” do trabalho em decorrência do ano fechado, nos provocou a refletir sobre a invisibilidade da figura e obra da Moema para o movimento feminista brasileiro, ainda que seu trabalho e obra sejam muito frutíferos, a educadora ecofeminista, apesar de muito reconhecida internacionalmente, praticamente não consta na historiografia dos movimentos feministas brasileiros. O espaço delegado a história das mulheres (e demais diversidades) ainda é escasso, como denuncia Margareth Rago, é *“Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante.”* (RAGO, 1995, p. 81).

Ainda há trabalho pela frente para a democratização do acervo, ainda mais dificultada pela questão sanitária atual que impede um maior corpo de trabalho nas referidas etapas que são majoritariamente físicas (catalogação, preservação e digitalização). Nosso resultado esperado é que, até o fim dessa etapa da ação a entrega

de parte do acervo à biblioteca da Unila.

Ao longo do ano de 2021 e início de 2022, foi realizada a higienização do acervo, bem como a catalogação de mais 600 títulos, tendo atualmente catalogados em nosso inventário 1003 títulos, que versam principalmente com as temáticas da Educação Popular, Feminismo, relações de Gênero, Ecologia e Meio Ambiente. Em uma pesquisa pelo número de vezes que os termos são citados no inventário, temos 335 citações para a palavra “educação” e 42 para “*educación*”, 50 para “popular”, 25 para “feminismo”, 353 para “mulher”, 55 para “mujer”, 122 para “Gênero”, 3 para “ecofeminismo”, 194 para “meio ambiente”, 270 para “ambiental” e 53 para “ecologia”.

Entendemos que cada etapa de nosso trabalho, por mais simples que pareça, é parte fundamental para a edificação do acervo. Moema sempre se posicionou ao lado daquelas que são oprimidas, seja as mulheres, as classes baixas na maioria trabalhadoras do campo, seja a natureza, caracterizando assim sua perspectiva ecofeminista, por isso ela se tornou um grande exemplo para a comunidade e seu acervo nos convida a refletir, superar e enfrentar inúmeras realidades presentes no cenário atual.

Por isso, mais do que guardar e atender aos educadores e educadoras ambientais, que constituiu o tema da maior parte dos objetos, o acervo Moema Viezzer também promove o resgate histórico da memória coletiva, contribuindo para a promoção do Direito à Memória na região trinacional, um território que carece de museus, arquivos e espaços culturais.

O Projeto de extensão foi apresentado durante a 3ª SIEPE - Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão e o VIII SEUNI Seminário de Extensão da

Unila, em 24 de Novembro de 2021, sendo agraciado com uma Menção Honrosa<sup>12</sup> em nossa seção dos eventos.

#### **4. Considerações finais: O Ecofeminismo de Moema Viezzer**

A partir da leitura da Biografia, observamos que não há um capítulo dedicado à temática Ecofeminista, porém as ideias ecofeministas estão presentes praticamente em todo livro, vide o título “Vocação de semente”, onde se vê a aproximação da ideia de Vocação (humana) para como o potencial de uma semente (planta/natureza).

É nítido e inclusive explicitado por Moema que suas três áreas de maior interesse e atuação enquanto ativista e militante são: A Educação Popular, a temática Feminista (de gênero) e o Ambientalismo, sendo para a mesma, temáticas que já não possuem separações, visto que se atravessam.

Durante o processo do desenvolvimento desta dissertação, a oportunidade de trabalhar no projeto de extensão “Ações De Conservação E Democratização Do Acervo Moema Viezzer” ao longo do ano de 2021 e início de 2022 com o acervo pessoal que Moema doou para a Unila em 2017. O acervo de Moema abriga parte da memória dos movimentos sociais pela Educação Popular, Feministas e Ambientalistas no período de 1970 até os anos 2017, principalmente no Brasil, mas também na América Latina, e no âmbito mundial, uma vez que há documentos, jornais, artigos, relatórios, livros e objetos provenientes de diversos locais, bem como registros da participação de Moema em eventos de nível global, como a *Rio’92*.

Também podemos destacar a quantidade de materiais a respeito de responsabilidade ambiental e de equidade de gênero produzidas para empresas a qual Moema prestou serviços como consultora em Gênero e Meio Ambiente, como por exemplo para a Itaipu.

Em reuniões de organização com a equipe de extensão coordenada pela Prof. Dra. Suellen Mayara Peres de Oliveira, tivemos a oportunidade de contar com a presença virtual de Moema em uma de nossas reuniões, no dia 10 de setembro de 2021, onde tivemos a oportunidade de falar diretamente com Moema sobre essa pesquisa, com

---

<sup>12</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=Z-YLfw-CEmw&ab\\_channel=UNILA](https://www.youtube.com/watch?v=Z-YLfw-CEmw&ab_channel=UNILA)

isso Moema nos convidou a visitá-la em Toledo para o acesso a mais material que possui especificamente sobre a temática ecofeminista, bem como a abertura para uma entrevista, contudo devido à contratempos e condições sanitárias da pandemia não foi possível esse encontro.

Escrever sobre a história de uma mulher como Moema Viezzer e como a mesma constrói uma visão específica sobre o Ecofeminismo Latino Americano, sem dúvidas não foi uma tarefa fácil, porém bastante inspiradora e gratificante. Geralmente nas pesquisas realizamos nossos estudos a partir de objetos também acadêmicos, e durante essa pesquisa me vi em desafio, uma vez que, embora Moema seja socióloga e escritora, a mesma não possui artigos ou livros publicados sobre a temática ecofeminista, sendo nessa área uma pessoa com vivências práticas, empíricas, atuando como ativista na causa Ecofeminista.

Assim, a partir da leitura e análise da Biografia de Moema, juntamente com o trabalho no Acervo e pesquisas a respeito da temática Ecofeminista foi possível identificar que Moema construiu ao longo de sua trajetória de vida, uma visão bastante sensível e única, como elucida Adriana G. Piscitelli “ *as lembranças das mulheres preservam temas integrados num domínio no qual o afetivo e o individual são fundamentais*” (PISCITELLI, 1993, p. 160) sendo seu Ecofeminismo necessariamente associado à Ética do cuidado e a Educação Popular, logo não trata-se de uma vertente apenas filosófica, mas sim empírica e resultado da *práxis*, permeada pela sabedoria popular, dos movimentos sociais, das mulheres rurais e dos movimentos indígenas, logo também interseccional.

Portanto, reconhecemos Moema Viezzer como uma importante Educadora Ecofeminista, nos fornecendo inspiração para a construção de um Ecofeminismo Decolonial e Popular, que busca a defesa da autonomia dos povos, bem como a interdependência entre seres humanos e a natureza.

## REFERÊNCIAS

DIAS, SOARES, GONÇALVES. A perspectiva dos funcionamentos: entroncamentos entre ecofeminismo e decolonialidade. Contido em ROSENDO, Daniela (org.). **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais**. Daniela Rosendo, Fabio A. G. Oliveira, Priscila Carvalho, Tânia A. Kuhnen (Org.). Rio de Janeiro. Ape'Ku. 2019

KHEEL, Marti. A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. In: ROSENDO, Daniela (org.). **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais**. Daniela Rosendo, Fabio A. G. Oliveira, Priscila Carvalho, Tânia A. Kuhnen (Org.). Rio de Janeiro. Ape'Ku. 2019

MATOS, Maria Izilda Santos de. **História das Mulheres e das Relações De Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas**. In: Mandrágora, v.19. n. 19. São Paulo. 2013, p. 5-15. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v19n19p5-15>.

MOREIRA, Tereza e VIEZZER, Moema. **Moema Viezzer. Vocação de Semente: A história de uma facilitadora da inteligência coletiva**. São Paulo: Brasil Sustentável Editora, 2017.

PISCITELLI, A. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 1, p. 150–200, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1683>.

POMIAN, K. **Coleção**. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. v.1, p.51-86.

QUINTERO, Pablo, FIGUEIRA, Patricia, ELIZALDE, Paz Concha. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. Seminário Arte e Descolonização, MASP Afterall. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia Brasileira. SILVA, Zélia Lopes (org.). **Cultura Histórica em debate**. São Paulo. Unesp, 2005.

ROSENDO, Daniela (org.). **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais**. Daniela Rosendo, Fabio A. G. Oliveira, Priscila Carvalho, Tânia A. Kuhnen (Org.). Rio de Janeiro. Ape'Ku. 2019

ROSENDO, Daniela. **Ética sensível ao cuidado** [dissertação] : Alcance e limites da filosofia ecofeminista de Warren. Orientador, Darlei Dall’Agnol. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Florianópolis, SC, 2012.

SATTLER, Janyne. Um projeto ecofeminista para a complexidade da vida. In: ROSENDO, Daniela (org.). **Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais**. Daniela Rosendo, Fabio A. G. Oliveira, Priscila Carvalho, Tânia A. Kuhnen (Org.). Rio de Janeiro. Ape’Ku. 2019

SHIVA, Vandana. **Mulher, Ecologia E Sobrevivência**. Rede Mulher De Educação. São Paulo. 1991.

SOIHET, R. Mulheres e Biografia. Significados para a História. **Revista de História**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20573>.

UNILA. **SIEPE | Cerimônia de Menção Honrosa EICTI e SEUNI e Encerramento da 3ª SIEPE**. 2021. 1h01min. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Z-YLfw-CEmw&ab\\_channel=UNILA](https://www.youtube.com/watch?v=Z-YLfw-CEmw&ab_channel=UNILA). Acesso em: 20 março 2022.

## ANEXOS



Fitas K7 com gravações de Domitila Barrios no Acervo Moema Viezzer.



Fotos de algumas edições que estão disponíveis no Acervo Moema Viezzer.



Documentos, livros, objetos, cartazes e obras de arte fazem parte das coleções do acervo.

SIEPE | Cerimônia de Menção Honrosa EICTI e SEUNI e Encerramento da 3ª SIEPE

Pressione **Esc** para sair do modo tela cheia



## CERIMÔNIA DE MENÇÃO HONROSA

### SESSÃO 19 - DIA 24/11

**TÍTULO:** AÇÕES DE CONSERVAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DO ACERVO MOEMA VIEZZER

**AUTORES:** IARA MILLS SIQUEIRA, MONICA ELIZABETH SANTACRUZ DELVALLE, ANA CLARA DE ALMEIDA VALADÃO, FERNANDA YUMI WAKAYAMA E SUELLEN MAYARA PÉRES DE OLIVEIRA

**ÁREA TEMÁTICA:** MEIO AMBIENTE



## SEUNI

VIII SEMINÁRIO DE EXTENSÃO DA UNILA



38:41 / 1:01:57

Captura de tela da Cerimônia de Menção Honrosa. 2021.



Captura de tela de reunião online com a equipe de extensão que contou com a presença de Moema Viezzer, em 10 de setembro de 2021.